

“TELEZÉ, NA OUTRA MARGEM DO MADEIRA É ASSIM”: SITUAÇÕES DE FALAS REGIONAIS RIBEIRINHAS NO CONTEXTO AMAZÔNICO

José Edilson de Lima Mendonça ¹
Gino Vieira dos Santos ²
Maria Isabel Alonso Alves ³

RESUMO

Trata-se de um estudo realizado no âmbito da comunidade ribeirinha Paraizinho, localizada na área rural de Humaitá-AM, à margem direita do rio madeira. Os objetivos desta pesquisa foi compreender as variações linguísticas representadas nas falas regionais dos moradores da comunidade Paraizinho bem como entender de que forma essas variações são conceituadas pelos moradores levando em consideração o regionalismo amazônico. Em relação a metodologia, optamos em utilizar o método qualitativo. Para tanto, trouxemos como procedimentos a observação etnográfica e entrevistas semiestruturadas. Os autores que deram suporte teórico para o estudo foram: Torres (2007), Terra (2008), Orlandi (2009) e outros que discutem a temática. As observações sobre a estrutura local dão conta de que existe uma forma organizacional e política na comunidade, sendo esta, organizada pelo coletivo e representada por dois líderes que levam as propostas e os projetos pensados coletivamente para serem reivindicados e/ou implementados no contexto político e econômico da cidade, no sentido de proporcionar melhores condições de vida para a comunidade. Em relação a estruturação do espaço escolar da comunidade, foi possível perceber que esta possui uma instituição de ensino municipal que atende alunos matriculados entre o primeiro e o quinto ano escolar. Também na comunidade encontra-se uma igreja católica e um campo de futebol que interligam diretamente os moradores como o meio religioso e recreativo. Com relação às variações linguísticas, percebemos um vasto repertório de palavras carregadas de subjetividade local, mesmo palavras já existentes no repertório geral amazonense, mas com significados específicos locais.

Palavras-chave: Variação Linguística. Falas Regionais. Cultural Local. Região Amazônica.

INTRODUÇÃO

Neste artigo buscamos apresentar parte da história local amazônica, especificamente de uma comunidade ribeirinha, localizada à margem direita do Rio madeira, lado oposto da cidade de Humaitá/AM. Neste trabalho foi realizada uma pesquisa de campo, na qual os pesquisadores produziram dados com base na observação e entrevistas junto aos moradores da

¹ Graduando pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia Pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM, j.edilsonmendonca95@gmail.com;

² Graduando pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia Pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM, ginovieira40@gmail.com ;

³ Professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Doutora em Educação. isabelalonsojp@gmail.com;

referida comunidade, o que resultou nos pontos temáticos desse artigo, sendo: as questões de origem da comunidade, cultura, educação e as falas regionais da pessoas que ali convivem.

O foco principal neste estudo foi compreender as variações linguísticas presentes nas falas regionais dos moradores da comunidade Paraizinho, bem como entender de que forma essas variações são conceituadas pelos moradores levando em consideração o regionalismo amazônico.

APROXIMAÇÕES, PRODUÇÃO DOS DADOS E PERCURSO METODOLÓGICO

Iniciamos a com a travessia do Rio Madeira, saindo do porto de Humaitá destino à comunidade Paraizinho, localizada à margem direita do rio Madeira, no dia 01 de julho de 2017. Fomos de canoa “voadeira” – um tipo de transporte fluvial muito comum no Amazonas por ser uma embarcação rápida por possuir estrutura e casco de metal, material leve, geralmente alumínio e econômica, pois é movida a motor de popa. Por tais características, é muito utilizada no transporte dos ribeirinhos amazônicos, bem como utilizada no trabalho da pesca e extrativismo no Sul do Amazonas. Foi uma travessia rápida, em poucas horas estávamos desembarcando no local da pesquisa.

Ao chegarmos ao local pesquisado, procuramos conhecer quais eram os representantes da comunidade, de sorte, o primeiro contato foi com um dos representantes locais. Explicamos o motivo da visita e solicitamos permissão para a pesquisa. O representante nos recebeu e nos apresentou aos demais moradores, fazendo uma mediação entre nós e a comunidade. A população local foi receptiva, e nos permitiu produzir os dados aqui analisados. Passamos a conversar com os moradores, visitamos a escola local, conhecemos aquele espaço ribeirinho espaço, ou seja, a pesquisa estava em andamento. Vale destacar, que antes de realizarmos o trabalho de campo, foi feito um levantamento inicial sobre aquela comunidade, no qual buscamos informações sobre o espaço e localização, além dos modos de vida e organização social da comunidade.

A comunidade tem aproximadamente 15 famílias que vivem no local, tendo em média, cerca de 90 pessoas, segundo informações do representante – líder comunitário que nos recebeu⁴. O mesmo também relatou que a economia local está voltada e interligada com a pesca, caça e a agricultura, sendo estas, suas principais fontes de sobrevivência e renda dos moradores. A cultura local dessa comunidade está ligada nas crenças, mitos, a maioria dos moradores é católica e a cobra grande e o boto compõem o rol de mitos e lendas daquela comunidade. Em relação com a educação neste ambiente, apenas apresenta uma única escola municipal, sendo que a mesma se encontrava, no período da pesquisa, paralisada por falta de professores. Para os estudantes locais terem acesso ao conhecimento escolar, estes faziam a travessia do rio todos os dias para estudarem na cidade.

Nossa permanência na comunidade oportunizou criar amizades, além observar os espaços e realizar de entrevistas com os moradores. Foram momentos produtivos no desenvolvimento do trabalho. Durante o desenvolvimento da pesquisa, nas idas do pesquisador ao campo para a produção dos dados, é muito importante a utilização de um diário de campo. Ele é o registro de fatos verificados através de notas e\ ou observações.

Sendo assim, usando essa metodologia prática qualitativa conseguimos explorar/observar/registrar o espaço da comunidade de forma significativa, buscando anotar as novas informações, que até então não conhecíamos sobre o local. Consideramos que o uso desse instrumento de pesquisa foi importante para a realização deste trabalho, o qual nos possibilitou registrar as informações necessárias para chegarmos às análises propostas nesta pesquisa.

CONCEITUANDO A ORIGEM DA COMUNIDADE PARAIZINHO DE ACORDO COM OS ENTREVISTADOS

Devido à grande exploração do ciclo da borracha, várias famílias começaram a despertar o interesse de facilitar suas vidas, antes muito sofridas devido ao isolamento no interior da floresta, procuraram achar meios mais eficazes de se locomoverem em busca de atendimento médico e produtos industrializados, para tanto, buscaram permanecer mais próximos às margens do rio Madeira. Relatos dos moradores contam que antes as famílias daquela comunidade viviam no centro de seringal chamado de Paraizo Grande, com o passar do tempo, algumas famílias começaram a sair do seringal e se deslocaram em direção à

⁴ Por questões éticas os nomes dos participantes da pesquisa não serão divulgados.

margem do rio, se instalando onde, hoje, chamam Paraizinho, nome dado em função do nome do seringal de onde vieram.

De acordo com os entrevistados esta comunidade iniciou se sua trajetória de existência durante o ano de 1968 devido à grande produção do látex na região, já que sua extração era o principal recurso financeiro dessa época, por isso acabou despertando interesses econômicos de várias regiões do Brasil, principalmente Maranhão, Ceará e Pará que migraram para a Amazônia em busca de meio de sobrevivência, já que nas regiões citadas tinham uma vida difícil. A busca pela borracha foi o objetivo principal da migração das famílias da comunidade Paraizinho para o Amazonas. Explorar o látex que se encontrava no seringal do Paraizo Grande passou a ser a principal fonte de renda dos moradores. O seringal ficava no interior da floresta, porém, próximo a uma área denominada como o centro, uma espécie de lugar centralizado que dava acesso a outros seringais, mas sua localidade era distante da margem do Rio Madeira.

Para facilitar o meio de sobrevivência e principalmente as questões de deslocamentos das mercadorias e acessibilidade às proximidades da cidade, muitas famílias decidiram sair do grande seringal e se instalaram às margens do Madeira, de modo que os produtos retirados do centro do seringal teria mais acessibilidade ao serem distribuídos para os comércios locais da cidade de Humaitá, de onde partia para outras regiões. Com a chegada de algumas famílias na localidade, outros seringueiros se estabeleceram no local, chegando a ter uma estimativa de quinhentos moradores. Com o passar dos anos, e devido à proximidade com a cidade, muitas famílias passaram a morar na área urbana em busca de escolas e outras fontes de renda.

Os relatos também mostram que a comunidade foi fundada através da Prelazia local, conhecida como diocese de Humaitá/AM, sendo assim, esse povoado foi se desenvolvendo ao longo do tempo e passou a ter seu nome próprio nessa localidade, definitivamente esta área ganhou o nome de comunidade do Paraizinho. Um dos entrevistados, chamado ficticiamente nesta abordagem de “Sr Mendonça”, em 1980 a comunidade foi motivada pelo projeto Rondon, que priorizava desenvolver ações que trouxessem benefícios permanentes para as comunidades, principalmente relacionados com a melhoria do bem-estar social e a capacitação da gestão pública em prol da coletividade e da cidadania.

A comissão responsável pelo projeto vinha visitar duas vezes semanalmente a comunidade, através de caravanas nas quais traziam médicos e projetos de ação comunitária para atender as necessidades dos moradores locais. Respectivamente a comunidade passou por várias dificuldades que afetaram diretamente este povoado na qual sofreu uma decadência em meados da década de 1980 a 1990, esse fato aconteceu devido à falta de união e cooperação,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

que não havia entre os moradores locais, Um dos fatores principais dessa decadência foi a abolição da única parte lúdica que existia nessa área que era o campo de futebol , sendo que este era o único meio recreativo que os indivíduos desse local tinham como ambiente lúdico (Sr. MENDONÇA, entrevista, 2017).

O Sr Mendonça ainda nos relatou que entre os anos de 2004 a 2006, foram desenvolvidos, com o apoio da comunidade e o IDAM (Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Amazonas) novos projetos e programas que viessem a atender as demandas locais, um dos principais projetos foi a criação de uma cooperativa entre os moradores e outro programa voltado para o extrativismo. Esses projetos seguem uma gestão democrática e de acordo com interesses econômicos e sociais dos moradores, que é liderado por um membro que representa a comunidade ribeirinha do Paraízinho no setor econômico-rural e no campo educacional junto aos órgãos governamentais, tendo como objetivo central o bem comum da comunidade.

Nas entrevistas realizadas, os moradores contaram que o seringal Paraizo Grande era o centro da comunidade antes da formação da comunidade que seria posteriormente denominada de comunidade Paraízinho. Segundo os mesmos, neste local existiam populações distintas, sendo: ribeirinhos – não indígenas; indígenas da etnia Parintintim e os chamados mamelucos – pessoas originárias da mistura desses povos. A alta produção do látex nesse local despertou os interesses de outras regiões principalmente as cidades do Maranhão, Ceará e Pará, regiões das quais os mais velhos da comunidade dizem ter suas origens. Os processos de migração de pessoas de diferentes regiões brasileiras, especialmente do Nordeste, contribuíram para a formação demográfica e cultural da comunidade ribeirinha do Paraízinho.

A esse respeito, Torres (2007) afirma que,

A migração de nordestinos para o Amazonas teve início por volta de 1869, com a leva de cinquenta cearenses. Nos anos posteriores, cerca de quarenta mil nordestinos emigrarão só para o município Juruá e outros ocuparam a região do Purus e seus afluentes, todos no Estado do Amazonas. Esses homens eram enviados aos seringais para trabalharem na produção de extrativista. Ao serem recrutados pelos seringalistas, o único contrato de trabalho que celebravam previa apenas deveres do trabalhador relativo às suas despesas nos seringais, as quais deveriam ser pagas com o trabalho de extração do látex (TORRES, 2007, p. 39).

O processo de migração amazônica foi intenso, porém, os moradores com origens regionais arraigadas no Maranhão, Ceará e Pará foram os que mais contribuíram para a formação e ressignificação cultural deste local, já que o povo Parintintim vivia no local até então. Consequentemente, a comunidade Paraízinho foi se constituindo em meio às diversidades culturais em meio aos vários modos de vida e características regionais e populacionais diferentes, vivenciadas desde então em um mesmo local. Dentre as

características culturais, estão as crenças, os mitos e a linguagem. Com base na fala de uma entrevistada, chamada aqui de Sra. Dandan, é possível observarmos que as marcas culturais são muito presentes no cotidiano da comunidade, assim conta a entrevistada:

Neste povoado aconteceu algo misterioso, foi quando eu estava voltando da roça acompanhada de uma neta que carregava uma criança em suas costas, de repente, houve um barulho de um tapa (palmada) nas costas da criança. Nos desesperamos, pois não sabíamos o que era ou que havia acontecido. No local onde o tapa foi dado dava para ver claramente o formato de uma mão. Chegando em casa, a criança começou a mostrar sinais doentios e traumáticos. A mãe dela ficou preocupada e resolveu levar a criança a uma rezadeira bastante conhecida aqui. A rezadeira disse que em todo o percurso da comunidade Paraízinho não se deve carregar crianças nas costas, pois nesse ali existem muitos espíritos e seres sobrenaturais que podem levar até mesmo o desaparecimento da pessoa. Eu acredito nisso, eu vi a marca nas costas da menina (DANDAN, Entrevista, 2017).

Nesta localidade as questões culturais estão sempre interligadas aos costumes regionais e valores religiosos e espirituais (cosmovisão) interligados aos diferentes modos de vida carregados significação cultural, adquiridos e/ou ressignificados ao longo do tempo de formação da comunidade durante todo esse processo histórico de contato interétnico e inter-regional que permanece até os dias atuais na comunidade ribeirinha do Paraízinho. Esta forma de ver a comunidade Paraízinho pode estar ligada ao que aponta Bhabha (2013) quando mostra o hibridismo cultural a partir das relações que se estabelecem no tempo, entre passado e presente.

O presente torna-se uma mistura entre o passado e o futuro, portanto espaços temporais híbridos (BHABHA, 2013) que produzem identidades, culturas e linguagens, ou seja, as relações entre os sujeitos de diferentes culturas em diferentes tempos tornam possíveis a interculturalidade, o que possibilita a criação de um “terceiro espaço” no qual relações produzem novos sujeitos, novas relações, novas culturas. Ao discorrer sobre o “terceiro espaço”, Bhabha (2013) utiliza a metáfora da ponte na qual afirma que “sempre, e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens... A ponte enquanto passagem que atravessa (BHABHA, 2013, p. 25).

Nesses atravessamentos, as margens tornam-se deslizantes e oportunizam deslocamentos culturais nos quais a linguagem é plural e fluida. Tanto a linguagem formal quanto a informal em meio ao vasto repertório significados composto pelas variações da linguagem e são formas de discurso, e nessa medida produzem, mais do que refletem, seus

objetos de referência” (BHABHA, 2013, p. 51). A diferença entre os dois tipos de discurso está na forma operacional em que são utilizados. Se em documentos ou situações de falas formais, a comunidade Paraizinho, pelos seus representantes legais, professores e/ou líderes comunitários, utiliza a forma padrão da língua portuguesa, todavia, nas situações de fala informal ou coloquial, os falantes da comunidade utilizam seus falares regionais, com significados específicos, carregados de subjetividade.

SITUAÇÕES DE FALAS REGIONAIS RIBEIRINHAS NO CONTEXTO SUL-AMAZÔNICO: A LINGUAGEM FORMAL E NÃO FORMAL

As situações de fala na comunidade Paraizinho ocorrem de acordo com os diversos contextos e necessidades da população local, porém, a mais utilizada é a fala regional decorrente da variação regional. Cabe destacar, que Segundo Terra (2008) há dois tipos de linguagem, a formal e a não formal. Para Terra (2008) a linguagem formal geralmente é utilizada pelas pessoas escolarizadas em situações formais. Caracteriza-se por monitoramento da fala e segue os padrões da língua portuguesa e regras gramaticais é o nível utilizado pelos órgãos oficiais e pela maioria dos órgãos de comunicação escrita (jornais, revista). É também conhecida como linguagem padrão. Já a linguagem não formal é definida como aquela adquirida nas situações cotidianas, sem monitoramento e ditada pela comunidade de fala.

Em relação a esses tipos de linguagem – formal e não formal, foram coletados dados nessa comunidade que nos proporcionaram algumas reflexões que nos motivaram estes escritos. Na pesquisa com alguns moradores da comunidade Paraizinho entrevistamos pessoas lidam com a educação formal e não formal, respectivamente, em seus cotidianos, entre as quais, uma liderança comunitária que vivencia as variadas situações de fala dentro e fora da comunidade. Em geral, as pessoas entrevistadas relataram que é necessária a aprendizagem formal da língua para que as crianças e os jovens possuam conhecimentos que os ajudem em seus processos de comunicação em seus diversos contextos e situações. Destacamos aqui a seguinte narrativa:

Falar, todos aqui falam, cada um à sua maneira, mas é preciso ações sociais e educativas que venham atender as necessidades da comunidade, para que nossas crianças e jovens consigam se desenvolver e se comunicar de acordo com suas necessidades, o acesso à educação formal na comunidade Paraizinho é muito importante para os estudantes e para o desenvolvimento desse local (LIDERANÇA, Entrevista, 2017).

A narrativa acima mostra a comunidade sente a necessidade da implantação escolar neste espaço. Um dos moradores contou que, a comunidade encontra-se sem espaço de educação formal, ou seja, “a escola está fechada por descaso político e devido a longa distância das instituições escolares e as dificuldades que os alunos enfrentavam para chegar as escolas da cidade de Humaitá, muitas crianças e jovens acabam tendo uma educação escolar precária” (Sr. MENDONÇA, Entrevista, 2017) . Em consequência dos fatores mencionados, entende-se que a comunidade Paraizinho vê a necessidade da educação formal de modo que esta oportunize aos jovens e crianças, a ampliação do repertório linguístico, seja formal ou não formal, de modo que tenham condições de fazer o uso adequado da língua em seus variados contextos, seja em documentos formais ou quaisquer situações de fala.

Com relação à linguagem coloquial (não formal), no decorrer da pesquisa entendemos, com bases nas entrevistas realizadas com os moradores, que a comunidade ao longo do tempo, vem utilizando a linguagem não formal em seu cotidiano desta comunidade. Essa forma de comunicação se deu em função das trocas linguísticas e das relações (inter)culturais com as populações indígenas que habitavam o Sul do Amazonas (etnias Parintitin, Tenharim, Mura e outras) e pessoas advindas de diversas regiões do Brasil. A experiências linguísticas advinda com as relações entre diversos grupos de falantes gerou o que podemos denominar “falas regionais” da comunidade ribeirinha Paraizinho.

A linguagem coloquial compreende a linguagem informal é o tipo de linguagem que utilizamos no cotidiano e também em situações informais, por exemplo, em uma roda de conversa entre os amigos, familiares, nas festas, em passeios sociais e dentre outros locais que utilizam desse modelo de linguagem (TERRA, 2008). O mesmo autor aponta que, ao utilizarmos a linguagem coloquial, não estamos preocupados com as normas e regras gramaticais, sendo assim, falamos de maneira ligeira, natural, descontraída, popular e regional com o intuito de interagir e se comunicar com as pessoas que estão em nosso meio. Dessa forma, na linguagem coloquial é bastante comum a utilização de certos tipos de gírias, abreviamentos de palavras, entre outros.

Sendo assim, é comum que os falantes ao se preocupem com os “erros” de concordância, e não aderindo o seguimento de normas e regras gramaticais que são estabelecidas e exigidas pela linguagem culta. Segundo Terra (2008), a linguagem informal ou coloquial, é o que a maiorias das pessoas utilizam em seu cotidiano, sobretudo em situações informais, sendo caracterizada pela espontaneidade nas diversas situações de fala. Nesse caso, “o falante não está preocupado com o que é “certo” ou “errado” segundo as regras pela comunidade” (TERRA, 2008, p. 87).

COMUNIDADE PARAIZINHO E SUAS FALAS REGIONAIS: ANÁLISE E RESULTADOS

Abordamos aqui as falas regionais da comunidade Paraizinho e buscamos atribuir a estas falas, alguns sentidos, tendo como base as significações atribuídas pelos entrevistados durante a pesquisa de campo. Para tanto, elaboramos uma lista com palavras ouvidas durante nossa estadia na comunidade e nos direcionamos a alguns moradores, perguntado os significados atribuídos pela comunidade a tais palavras.

O “Sr Chico” revelou que, por ter passado por várias comunidades ribeirinhas amazônicas, o mesmo presenciou se deparou com vários significados atribuídos a uma mesma palavra, o que nos aponta que existem variações de significados atribuídos em uma mesma palavra em cada região ou comunidade. Assim, entendemos que existe diversidade linguística e cultural, nas quais, cada região vai atribuindo conceitos às falas usadas no cotidiano no qual o sujeito está inserido. Hall (2016) no livro “Cultura e Representação” entende que a representação é algo que conecta sentido e linguagem à cultura.

O processo de representação se dá na representação dos significados, ou seja, no próprio conceito. Os conceitos são os significados das coisas produzidas, em certo sentido, a caça, as árvores, a casa, a roça, o rio, etc., produzidas no processo de diferenciação, similaridade e igualdade dos moradores da comunidade Paraizinho. De forma singular, entendemos que os conceitos precisam formar sistemas de classificação, ou então teríamos dificuldades toda vez que tivéssemos que abordar determinado conceito.

Toda vez que alguém fosse falar de alguma coisa sobre o mundo teria que inventar e nomear o objeto novamente, assim, porém não é necessário, porque o objeto já existe e há um conceito que o define socialmente. Há, em certo sentido, um referencial que aproxima o sujeito ao objeto, independentemente se tal objeto é exatamente igual ao que se conhece ou não. O conceito possibilita o sujeito a classificar as coisas, porém o sistema de classificação, por si só, não explica muito, a não ser que este esteja formado a partir de um mapa conceitual composto por todos os sistemas de representação organizados mentalmente pelos sujeitos. Esse sistema de informação só passa a fazer sentido quando entram na órbita da cultura pela linguagem. A linguagem é a responsável pela organização mental dos conceitos (HALL, 2016).

Assim, entendemos que a linguagem representa os conceitos e os conecta as práticas culturais, ou seja, a linguagem é constituída por signos e os signos representam os conceitos, quase que em forma de espiral, e a produção desses conceitos ocorre de forma instável, porque se os signos representam os conceitos, os signos são formados na articulação entre significante e significados. É uma relação extremamente arbitrária, pois os signos, a partir concepção de Ferdinand Saussure em o “Curso de Linguística Geral”, possuem o indexador e a acústica (imagem) que dá a ideia do conceito/objeto (HALL, 2016).

A relação entre o significante e significado se dá pela representação mental que o sujeito possui dessa relação, porém isso ocorre de forma arbitrária (significado/significante), porque o objeto existe, mas foi nomeado por uma convenção social. Se os signos representam os conceitos, não existe nada que os conectam como verdade absoluta, é instável, pode mudar, dependendo de como a sociedade se movimenta. A linguagem por si só, mesmo nesta perspectiva, não representa nada, pois ela não é capaz de movimentar o circuito da cultura, ela se organiza em uma cadeia histórica de disputa e constituição de significados que são as formações discursivas.

Nesta forma de a linguagem, Foucault em “A ordem do discurso” (2011) analisa que existem concepções que instituem identidades em um jogo de narrativas com definições enunciativas que sustentam as práticas culturais. Todo jogo de linguagem (signo/significante/significado) é o jogo que a representação conecta conceito, linguagem, discurso e poder à cultura (HALL, 2016).

No contexto linguístico da comunidade Paraizinho buscamos analisar as atribuições de significados as suas falas. Parte dos conceitos aqui mostrados foi ouvido/percebido durante a pesquisa de campo na comunidade e encontram-se no quadro abaixo:

Quadro 1: Falas regionais e suas variantes na Comunidade Paraizinho

Falas registradas	ouvidas	e	Significado atribuído pelos moradores da Comunidade Paraizinho
ARPUÁ			Fazer um lançamento de um determinado objeto perfurante
ALESADO			Pessoa pacata, sem atitude
BUDECO			Relativo a um peixe pequeno
BRUTO NO MUNDO			Homem sem paciência, objeto ou animal exageradamente grande
CARAPANÁ			Mosquito da região que tem hábitos diurno e noturno
XAPULETA			Designação do maior dedo do pé
DE BODE			Referente ao ciclo menstrual do sexo feminino, pessoa mal-humorada
ENFIAR CORDÃO	PEIDO	NO	Termo usado para designar uma conversação de pautas irrelevantes, ou fazer nada (preguiçoso)
FIDAÉGUA			Um deboche pejorativo a alguém, xingamento
MOCOTÓ			Designação referente ao tornozelo humano

MONDRONGO	Referente a alguns hematomas que apresentam certos nódulos no corpo
MUTUCA	Inseto peculiar da região local que tem hábitos diurnos de cor preta que pica dolorido
OIGRANDE	Inveja, ambicioso, quer tomar o que é seu
PAIDÉGUA	Confirmação de algo positivo ou algo excelente
PERTE	Sujeito agitado, perturbador do sossego.
PEIXE DA LAVRA	Termo usado para designar algo grandioso ou em abundância
PORRUDA	Algo grande
PORRETA	Termo referente a elogios
POCA DA BONITA	Termo usado para designar algo bonito e de qualidade
PIRENTO	Termo usado para designar um indivíduo que apresenta certos tipos de coceiras ou alergia
TRAÍRA	Termo de falsidade
TREPAR	Transar, subir, escalar
TODO INDIÃO	Sujeito vergonhoso e tímido – forma estereotipada de ver o indígena amazônico
RABUGENTO	Sujeito que não apresenta certo tipo higienização; pessoa suja, fedida
VISAGEM	Termo usado para designar algo sobrenatural
TELEZÉ	Indagação: Tu é leso é? Você é bobo? Está de brincadeira? Forma de chamar alguém a atenção de alguém quando comete erro

Fonte: Elaborado pelos autores com base nas entrevistas e observações com/na comunidade Paraizinho.

O quadro mostra parte do repertório de palavras ouvidas e registradas durante a pesquisa na comunidade Paraizinho e revelam que alguns conceitos possuem significados próprios, considerados neste texto como advindas das vivências e experiências cotidianas que os moradores da comunidade foram estabelecendo ao longo das relações (inter)culturais ao longo dos anos. São palavras que possuem significados específicos da Amazônia, traduzidas em meio às práticas sociais e culturais específicas dos moradores que vivem na Comunidade, porém, cabe ressaltar que, muitas dessas palavras são utilizadas em outros contextos amazônicos, mas que podem emitir significados diferentes.

Desta forma, identificamos que alguns conceitos e seus respectivos significados são bastante regionais e são usados de forma cotidiana no ambiente da comunidade ribeirinha Paraizinho. Tal vocabulário também é percebido na zona urbana do município de Humaitá-AM, principalmente nas áreas próximas às margens do rio madeira, local em que ocorre contado cotidiano entre moradores ribeirinhos das comunidades rurais e a pessoas que habitam a área urbana de Humaitá/AM, que ficam próximas ao Porto Municipal – Local de embarque e desembarque no Rio Madeira.

Quando os moradores da comunidade Paraizinho falam é porque eles produzem um conceito, utilizam uma linguagem que as conectam ao conceito como uma prática social e cultural e joga isso na perspectiva de uma rede discursiva que vai produzindo uma identidade cultural, porém, sem se dar conta de que esses sistemas de classificação – de mapas conceituais, mesmo na perspectiva dos moradores, são mudados, ou seja, eles não se dão

conta de que as palavras utilizadas por eles e seus significados não são exatamente de sua cultura, pode até ser, pois em certo sentido há o processo de semiose, de contingenciamento, de parada estratégica, chamada também de estratégia de essencialização para representar o processo de diferencialização, porém esse processo de linguagem pensado exclusivamente em uma perspectiva rural/ribeirinha amazônica, já foi “melado/borrado” (BHABHA, 2013) por culturas outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de campo possibilitou a compreensão da diversidade linguística e sua relação com os aspectos culturais e regionais da comunidade ribeirinha do Paraizinho, pautando principalmente a variação linguística decorrente de determinado contexto local e cultural. A forma tradicional, principalmente as questões que estão relacionadas às falas, valores, costumes, crenças e mitos oportunizaram o repertório linguístico desta comunidade. Essas questões contribuem diretamente no desenvolvimento sociocultural dessa comunidade, seja de forma explícita ou implícita.

A forma como os moradores da comunidade Paraizinho estabelece situações de comunicação que fogem dos padrões linguísticos e suas normativas, de modo que os conceitos utilizados nas situações de fala passam pela cultura do povo e são conectados pela linguagem por eles estabelecidas de forma intercultural. A interculturalidade aqui entendida ocorre em um jogo de narrativas e definições que sustentam as práticas linguísticas e culturais daquela população. Desse modo, concluímos que não há uma definição entre o falar “certo” e falar “errado”, mas que há diferentes falares e que estes são constituídos no âmbito da cultura. É preciso pensar a linguagem como formas de representação, ou identidade produtora das formas de representação e cultura.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi, K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2. ed. Manaus: Valer, 2007

HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO: Apicuri, 2016.

MAIA, Álvaro. **Banco de Canoa (Cenas de rios e seringais do Amazonas)**. 2.ed. rev. Manaus: Universidade do Amazonas, 1997

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é linguística**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

TERRA, Terra. **Linguagem, Língua e Fala**. 2. Ed. São Paulo: Scipione, 2008. (Coleção Percursos)

TORRES, Iraildes. Caldas. **Humaitá: ecos de um povo**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2007